

~~M 499~~ M 499  
RN 282

DN 23.2.57  
DN 22.6.66

## Rubem Braga

# A UMA LEITORA DISTANTE

**A**LGUÉM que muito prezo e que está longe, me escreve para dizer que está lendo tôdas as minhas crônicas. E agora, ao abrir a máquina para escrever, sinto que isso me inibe. Tenho por essa pessoa um sentimento de carinho que é alguma coisa como devoção. Saber que tôda semana, quando esta revista chega à sua cidade, ela procura a minha coluna — ao mesmo tempo que me lisonjeia, me embaraça.

A gente se acostuma a escrever para o público, isto é, para todos e para ninguém. Esse público é uma confusa massa de gente que o cronista não vê, nem sente. Suas reações são contraditórias; o que uma pessoa acha lindo outra acha ridículo, o que a êste parece muito sábio àquele parece muito errado e àquele outro apenas tedioso.

Com o tempo, o profissional da crônica aprende — não a desprezar o público, porque é dêle e para êle que vive o cronista — mas a fazer abstração do público na hora de escrever.

Não podemos nos dar ao luxo stendhaliano de escrever para dez leitores escolhidos; por mais honroso que seja para nós ouvir ocasionalmente o elogio de um alto espírito que admiramos, precisamos não esquecer que não escrevemos para êle, mas para muitos milhares de desconhecidos de todos os gostos e níveis culturais — para o leitor comum de jornal ou revista.

Se queremos exercer nosso ofício com alguma dignidade, sabemos também que não devemos procurar adular êsse “leitor comum”, fazendo o que

possivelmente iria agradar ao maior número, usando qualquer receita fácil para causar sensação, ser discutido etc. Pelo contrário, temos de supor que êsse inexistente “leitor comum” é algum sujeito mais ou menos como nós, que tem lá suas idéias e suas manias e se acostumou a respeitar as dos outros.

Com o tempo vamos perdendo um pouco a cerimônia, e mandamos para o papel o que sentimos ou pensamos, respeitando apenas as conveniências impossíveis de esquecer quando se escreve em uma revista que anda em tôdas as mãos. Não — acabamos por refletir — não vale a pena forçar a natureza e falar da inflação quando estamos pensando apenas nos braços de Joana, ou escrever sôbre o luar quando estamos irritados com o abuso de um chofer de lotação. O melhor é seguir nossa veneta e — Deus é grande! — quem quiser que nos acompanhe, quem não quiser que espere para ler outro dia alguma coisa que lhe seja doce.

Isso tudo é a teoria (ou prática) de um velho cronista em relação ao público. Mas vem uma carta — “agora recebo tôda semana a *Manchete* por via aérea...” — e lá se vai a teoria, lá se vai a prática. Estou aqui escrevendo essas coisas e pensando que a única realmente importante seria poder dizer tôda semana alguma coisa que a fizesse sorrir ou lhe desse uma pequena emoção boa; que fôsse como um carinho suave e casto que ela apenas entendesse, e não a perturbasse, e lhe fizesse bem; um recado amigo; esta mão, de leve, no seu ombro...

M 499 - 11. 11. 61